

BRAGA—BOM JESUS DO MONTE

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Repub'lica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extranjeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 212

Braga, 21 de Julho de 1917

Anno V

Capas para os colleccionadores da "Illustração Catholica,"

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Peretra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 21 de Julho de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 212—Anno V



BRAGA—Egreja de S. Vicente

Phot. Felix Cruz.

CHRONICA DA SEMANA

Dois traços

ELECTRICO de S. Mamede, sexta feira, quatorze de Julho do corrente. Nos dois bancos fronteiros, lapuzes, commerciantes, duas ou trez senhoras, gente emfim que vae para a cidade á labuta im- periosa e incessante.

E' manhã de um dia de interregno no meio dos calores fortissimos que passaram, abafando os respiráculos, atordoantes de luz n'um céu pleno, de poalhas de oiro esparsas no vasto manto azul do longinquo espaço... E' manhã. Vem do mar diffusa na bruma uma suave aragem de refrigerio amigo e desde o colorido do casario extra-urbano, variadissimo — palacêtes de verão, casas de campo, pequenos rez do-chão de praia — até á viridencia dos milharaes túmidos, ao penacho acinzeirado dos pinhaes nas orlas mais remotas, ha o mesmo ar de satisfação aprazivel de pulmões que respiram ao cabo de alguns dias de calor mais á vontade!...

E' manhã... A ricanso, o medico G... que brilhantemente se triplica na clinica na poesia e no jornalismo, convida-me para uma troca de impressões na viagem que logo se enceta pelos acontecimentos tumultuosos dos ultimos dias e toma como ponto de divagação a censura e o tédio que ella vae causando a quem por dedicação na imprensa conversa diariamente com o publico. Notamos as suas versatilidades iniquas, procurando debalde explicar porque outro dia ella cortara a palavra *quejandos* e o qualificativo *ex-conselheiro* a um homem que o é para todos os effeitos na gerencia actual d'uma das pastas do governo.

Até que fatigadamente elle perguntou:

— Quando acabará isto? ... se acabar!

— Entendo que isto terá fim, ao contrario de muita gente que entende que está descoberto na politica o *motu continuo*. Não ha duvida de que chegamos aos paroxismos da crise violenta, sucessora d'aquell'outra que por oitenta annos, lentamente, se arrastou. A phrase de Périer é lei historica, os regimens violentos não são feitos para durar... Sómente cabe saber como é que isto acabará; e vendo as eclosões sangrentas a estalar intermittentes, eu tenho a impressão geral de que tudo prepará um remate estrondoso de pancadaria cega e furibunda.

— Já estamos habituados...

— Esse hábito é a indiferença publica, e esta é a couraça da nação. O ultimo arranco das energias nativas foi o fanático levantamento em redor de D. Miguel. Por seu mal empregou-o o povo n'uma áspera lucta fratricida, muito embora em defeza da linha tradicional da sua historia que uma minoria desviou.

— Há sete como há oitenta annos, é sempre a minoria a dominar um povo infeiro... em nome da *liberdade* imposta á força, como dizia o Imperador.

— E a attitude do povo é justissima, explicavel. Bourget explicou-a algures. As plantas não se desenvolvem fóra do terreno proprio. O povo, desde que o tiráram do ambiente necessário da tradição, não produziu nem se interessou. Traçou em volta da cidadella dos politicos o fôssso separador, e reduziu-se ao cultivo e á indiferença...

O electrico parára. O doutor sahiu para uma d'essas ruas novas dos suburbios, limpas e com o seu ar de recato e os seus jardins gradeados. Para acabar tempo abri um jornal.

No rodapé d'esse numero da *Croix* começava a publicar-se o elogio de Monseigneur Pie pelo Cardeal Billot, a aguia da theologia moderna. Detive-me ainda um momento a recordar no que passaria na eleição de Braga.

— O dr. Diogo seria victorioso?... e

E a eterna dúvida de quem anda a gritar sem sêr ouvido, veio sobrenadar no meu espirito.

Depois abri o jornal. Comecei a leitura do elogio de Monseigneur.

O Grande bispo da Poitiers assistira a uma agitada época historica, aquella que abre com a volta dos Bourbons e acaba na républica dos Ferry. Que de lições a fecundar no espirito de Pie! A Restauração conduzida por homens que *nada esqueceram e nada aprenderam* «procurára em vão a Restauração dos direitos de Deus que se subordinaram em tudo aos interesses do throno.» Primeiro o throno, depois o altar, e o altar como appoio do throno. Os dias de Julho varrêram tudo, e a carta de 30 substituiu ao regimen da protecção o regimen do Estado indifferente.

Era o má menor, mas uma situação côxa e o Cardeal escrevia, que «uma nação christã não está na ordem quando a verdade n'ella tem por unica garantia da sua liberdade, a liberdade de todos os erros...»

Mais tarde, quando Napoleão III lhe perguntava se seria opportuno restaurar o reinado de Christo no Estado, elle respondia:

— Sire, quando grandes politicos como Vossa Magestade me objectam que ainda não chegou o momento, só tenho de me curvar porque não sou um grande politico. Mas sou um bispo, e como tal respondo: Ainda não chegou o momento de Jesus Christo reinar? Pois bem! então, ainda não chegou o momento de os governos poderem durar!...

Palavra profunda que intimamente se liga á minha previsão de ha pouco sobre o fim que nos espéra. *Les regimes violents ne sont pas faits pour durer*, dizia Périer.

... O electrico continuava a sua marcha. Portugal tambem! Mas para onde?...

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

A morte da Seara



TÉ hontem, a minha janella florida, debruçou-se languida, para o oceano fulvo d'uma seara madura. Por ella muito sol passou e mezes correram incertos de inquieta vida, para essa mancha d'oiro, para esse clarão de fartura, cantando esplendente e alegre, por entre o verde bravio das beiradas.

Vi-a nascer tenra e adolescente, sahindo do berço da terra, braços erguidos para o ceu como um mimalho *baby* rabujando, engrossar, crescer, vestir-se garridamente de fructo, Primeiro rastejou verde e fraca como uma renda de phantasia, cobrindo a terra revolvida, depois subiu, alargou-se, dominou, sempre verde, mar romantico d'ondas glaucas, que o vento encrespava, enfurecia e forte já, foi logo amarellecendo n'uma graça casquilha de sêcia até que o sol, o primeiro sol ardente de verão, lhe emprestou a magestade do seu oiro e a converteu n'um oceano illuminado de fartura! . . . Bons tempos!

Foi então a alegria e a soberba do valle, o cuidado anceado do lavrador, o meu cuidado e o meu encanto o primeiro rebate epico de fresca novidade que a natureza desprende do seu uberrimo sorriso.

E ondulando, mansa á brisa da tarde, vermelha do sol moribundo, ou encrespada em arrepelos d'oiro nas manhãs esplendidas de vento, a minha seara encheu de grandeza e de fartura o horisonte da minha janella florida.

Altiva, cheia de orgulho, foi a nota mais viva da paisagem, a doce praia de sonho onde meus olhos se estenderam cançados das illusões, . . . Mas certa manhã d'esplendor, em que o sol, accendeu o seu melhor sorriso, um bando alegre de raparigas com o vermelho dos seus lenços e mandis, surgiu sinistramente como uma mancha de sangue no extremo doirado da seara e logo cantando, rindo, as suas mãos premendo os cabos nodosos das fouchinhas como se tanto oiro as cegasse n'uma vertigem, ou attraísse como o abysmo chama e atrahe, accendesse um desvairamento, uma ambição, n'aquelles olhos, foi tambem n'um deslumbramento, n'uma vertigem, que as fouchinhas cortaram, varreram, entre cantigas, aquelle oceano fulvo de trigo maduro.

Tempo depois, na serenidade esplendida d'aquella manhã de junho, no campo, havia apenas montões sem vida, aqui alem cahidos no derradeiro golpe, n'uma incerteza de lucta, hirtos n'um arrepelo extremo de vencido, como os restos macabros, d'uma batalha immensa, e aquelles molhos tinham humanas formas de desgraça, pareciam cadaveres de luctadores vencidos no mais arduo da peleja, e o valle triste e devastado, semelhava um campo sinistro de guerra, depois da passagem desapiedada e destruidora d'um exercito em triumpho. Riam e cantavam as raparigas, rangiam as fouchinhas e o sol illuminando o recorte azul d'aquelle ceu peninsular parecia rir garridamente n'uma ameaça ou n'uma ironia. Fôra-se o encanto dos meus olhos, desaparecera o melhor scenario da minha aldria e onde houvera orgulho e fartura, onde a soberba magestade do frugal maduro, esplendora e arrogara, havia sinistro, montões, restos perdidos d'uma alegria longinqua. E cada espiga despender-se-hia em fartura, cada grão seria de novo sol na maceira, alegria no lar, consolação, largueza na familia.

Tanta canceira compensaria canceiras, seria o termo de muita lagrima, o rebate de muita ambição, o germen de muito crime...

E cada grão d'aquella onda de páz e de bonança, passando pela casa e pela vida, como um sol de fartura, á terra volveria depois, germinar, crescer, encher-se d'oiro e de grandeza fecunda que tendo assim morrido a minha seara; assim reviverá n'um anno, n'outro e sempre, para alegria dos homens e para encanto da minha janella florida...

Consagração da Diocese de Coimbra ao Sagrado Coração de Jesus



Grupo das Senhoras que cantaram na festa da Consagração da Diocese de Coimbra ao Sagrado Coração de Jesus, no dia 15 de Junho de 1917, A' direita do Senhor Bispo o Dr. Elias d'Aguiar, á esquerda o Dr. M. Fonseca da Gama.

Com notavel brilho realisou-se no dia 15 do corrente a solenidade da consagração da Diocese de Coimbra ao S. Coração de Jesus.

Esta esplendida manifestação de fé e piedade deverá ter feito violencia no Coração Amantissimo do Salvador, impelindo-se derramar as suas benções sobre esta parte do seu rebanho, e ter-se-ha reflectido no Coração bondoso do nosso Prelado, alma de Apostolo, que deverá estar satisfeito pela realisação dos seus melhores votos.

Foi esta brilhante festividade precidida d'um triduo de praticas e outros actos de devoção em que a assistencia foi sempre notavel, tanto pelo numero como pela qualidade. Quando porém, houve uma enorme concorrência, foi na solenidade da tarde do dia 15, á hora em que toda a Diocese era consagrada ao amantissimo Coração de Jesus, e um solemne «Te Deum» de acção de graças, vibrado por gargantas femininas, subia até ao Seu trôno de adoração.

Nunca viriamos nesta cidade uma assistencia tão numerosa a actos publicos do culto. O templo da Sé Nova, que é vasto, não finha um unico espaço vasio. Os fieis enchiam-no por completo.

De manhã tinha havido uma communhão geral em que se abeiraram da mesa eucharistica perto de mil pessoas, calculando-se em tres mil, as communhões que houve nas diferentes egrejas da cidade.

Durante os dias do triduo e da festividade, um numeroso grupo de senhoras, regido pelo distincto artista que é Elias d'Aguiar, executou com sentimento e arte varias composições musicas do mesmo regente e de Perosi; ontre estas, uma missa e um *Te-Deum* de Perosi, cujo desempenho foi correcto e que muito agradaram.

A's Excellentissima^s Senhoras Orpheonistas e ao seu habil regente, os nossos parabens.

E' um acto de justiça fazer aqui uma especial menção da Sr.^a D. Maria do Rosario Neves que foi sempre incansavel em todos os trabalhos preparatorios, e a quem em grande parte é devido o bom exito a esta tão sympathica como brilhante festa.

M. Fonseca da Gama.



BRAGA — Festa desportiva na Escola Academica

Alumnos premiados nos diferentes concursos. Da esquerda para a direita: Domingos Pires Bouça, premiado na corrida de tres pés; Guilherme José d'Oliveira, idem; Joaquim da Silva Bacellar, 1.º classificado na corrida de cyclistas, em saltos em altura e corrida de tres pés; Luiz Alves de Brito, premiado em saltos em altura; João Mauuel Adão Barroso, na corrida de tres pés e Francisco Gonçalves da Silva, 2.º classificado na corrida de cyclistas.

Escola Academica Braga

Mais uma vez, por occasião da festa annual dos seus alumnos, temos occasião de nos referir a este magnifico estabelecimento de ensino. As gravuras que esta breve referencia acompanha, mostram o desvelo com que os directores da Escola Academica, a par do esmero pôsto em assegurar aos alumnos uma solida instrucção, cuidam do seu desenvolvimento physico por meio de exercicios desportivos.

Conta apenas poucos annos de vida—precisamente os annos peores para a vida dos estabelecimentos dêstes, attendendo á necessidade de offerecer aos paes de familia uma boa escola por preços modicos, quando a vida encareceu pavorosamente. Mas estes poucos annos são já penhor seguro do desenvolvimento que a Escola ha-de ir tendo, com o que sô tem a lucrar as familias catholicas do Norte do pais. Sem modernismos mal entendidos e perniciosos contra os quaes mais duma vez a imprensa catholica se tem insurgido, a proposito de empregos industriaes de educação, a Escola Academica de Braga vae orientada de modo que tem mereci-

A partida do 1.º batalhão de infantaria 18 do Porto para França



A' porta do quartel do 18



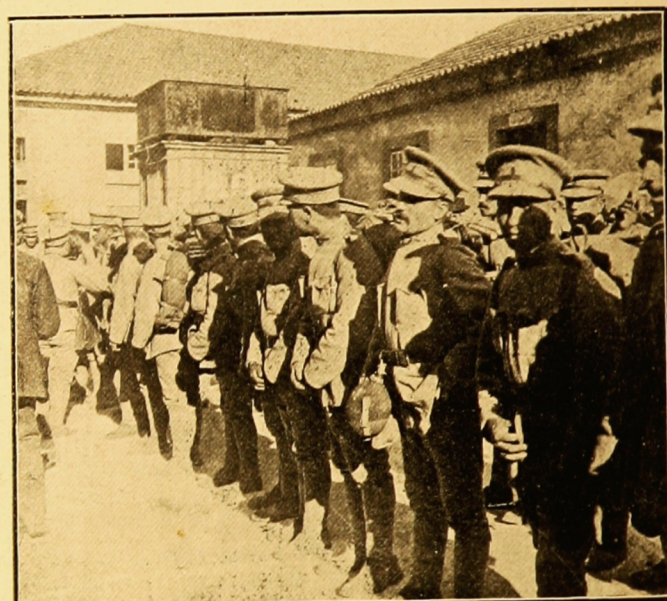
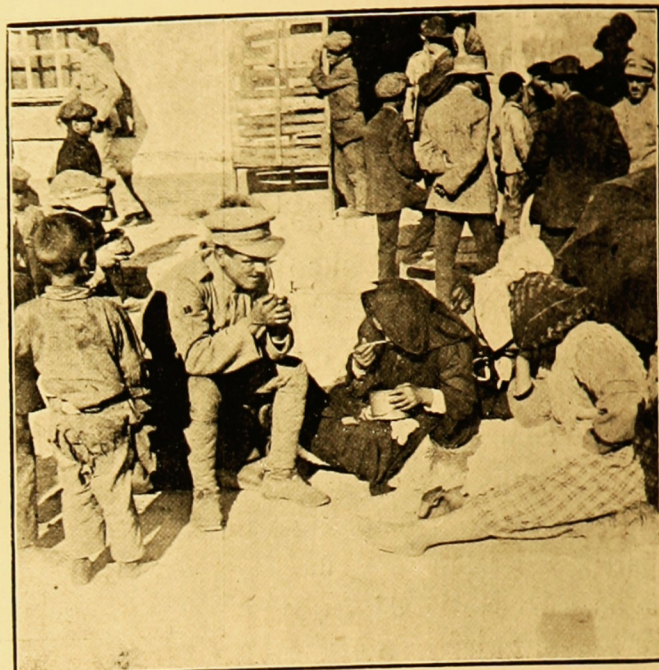
Braga—Festa desportiva, Um grupo de cyclistas depois da corrida

do a plena confiança dos paes de familia desejosos de ministrar a seus filhos uma educação moderna, mas segura.

Folgando de prestar homenagem aos illustres e benemeritos directores da Escola, auguramos-lhe para o novo anno lectivo as maiores prosperidades.



Ilhavo— O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo de Coimbra, na procissão das Almas á saída do cemiterio



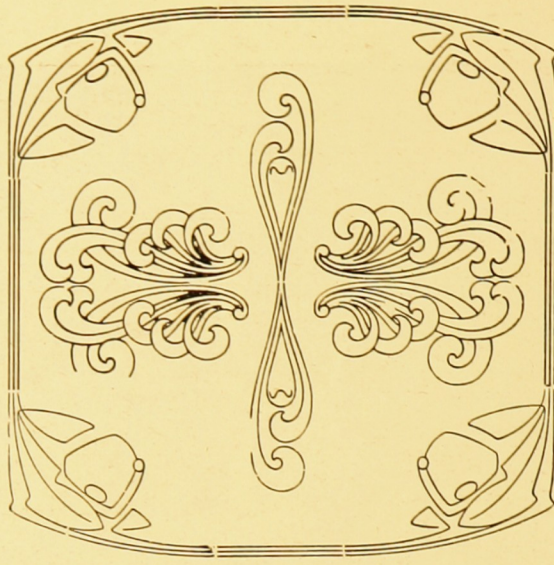
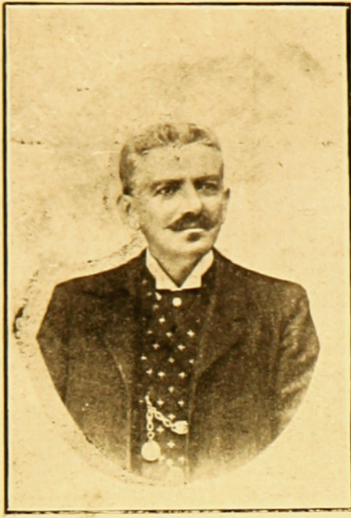
- 1 — Os mobilizados esperando a distribuição do rancho.
- 2 — A mãe d'um mobilizado compartilhando do rancho do filho.
- 3 — Os ultimos momentos da despedida da familia,
- 4 — A formatura.
- 5 — Preparando as mochilas

(Phots. J. Azevedo).



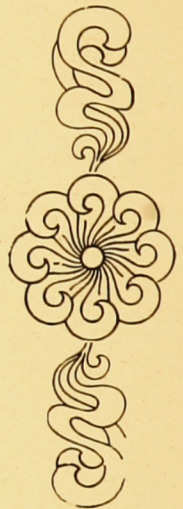
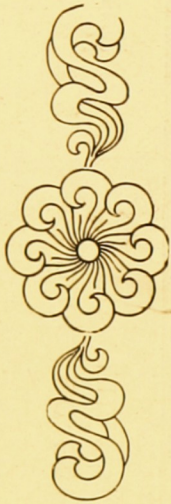
As senhoras que tomaram parte na venda da flôr recentemente effectuada na cidade de Braga

Ao centro e no primeiro plano a ex.^{ma} snr.^a D. Maria Victoria, esposa do snr. governador civil, presidente d'esta sympathica festa

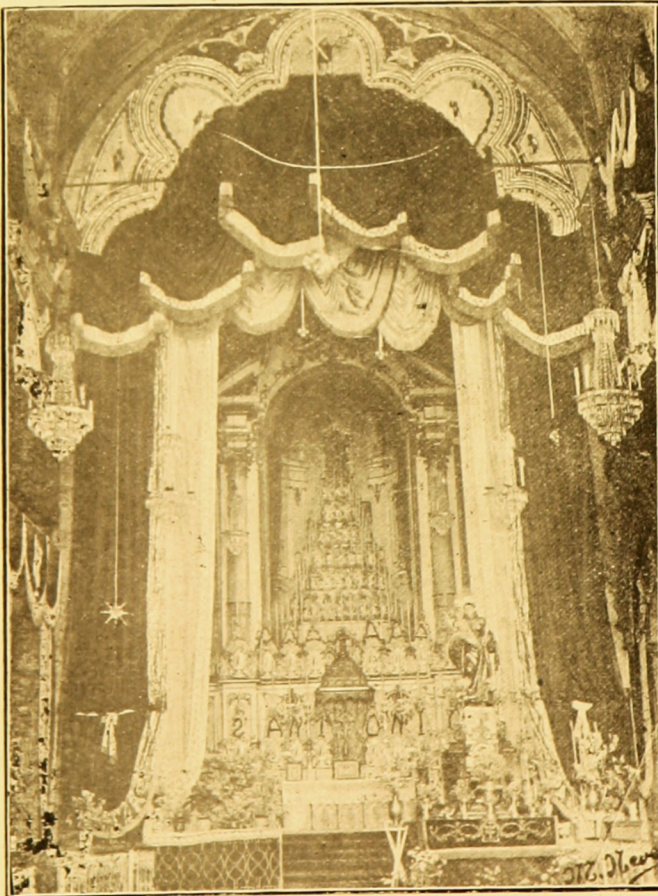


O snr. Visconde de Guilhofrei

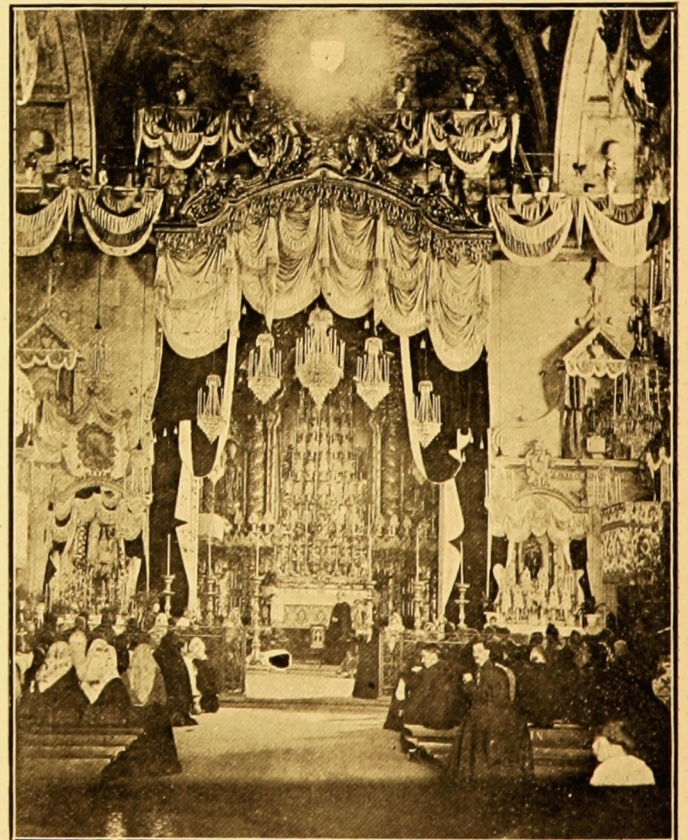
A snr.^a Viscondessa de Guilhofrei, falecida no Rio de Janeiro a 19 de maio do anno corrente.



Guilhofrei—A escola official de ambos os sexos offerecida pelos benemeritos titulares

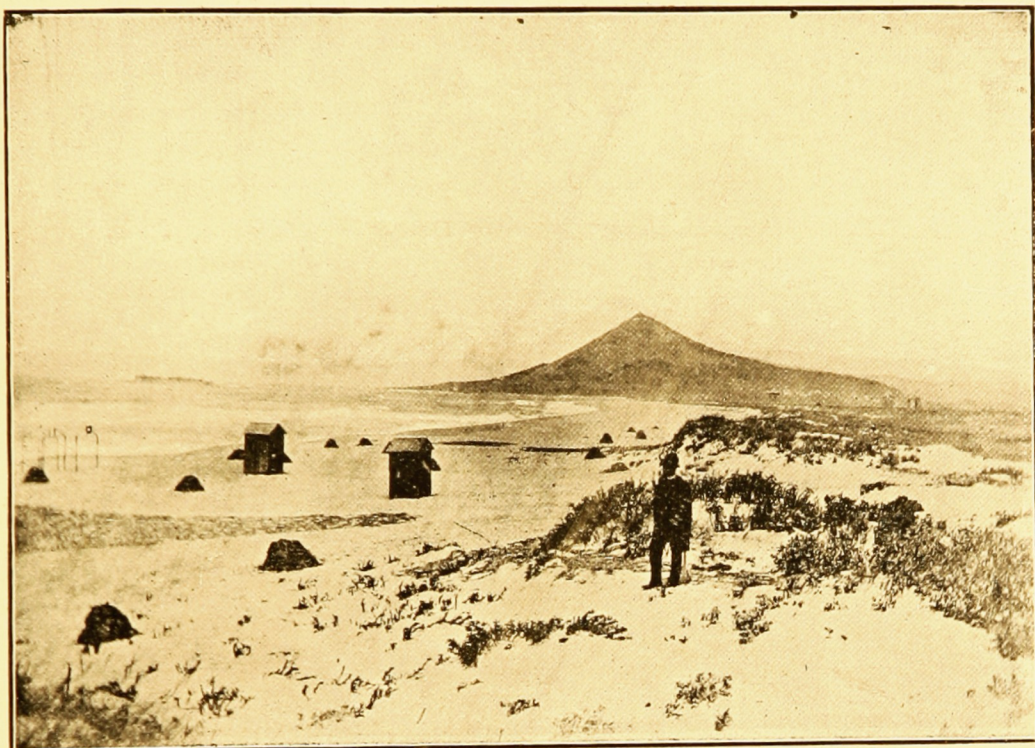


Braga—O templo dos Terceiros no dia da festividade a Santo Antonio



Porto—A igreja de S. João Novo no dia da festa da conclusão do mez de Maria á qual assistiu o Snr. D. Antonio Barroso

PRAIAS PORTUGUEZAS



*A praia de Moleão do Minho
A' direita distante da praia o castello, ao centro a foz do Minho e o pico
de Santa Tecla na fronteira hespanhola*

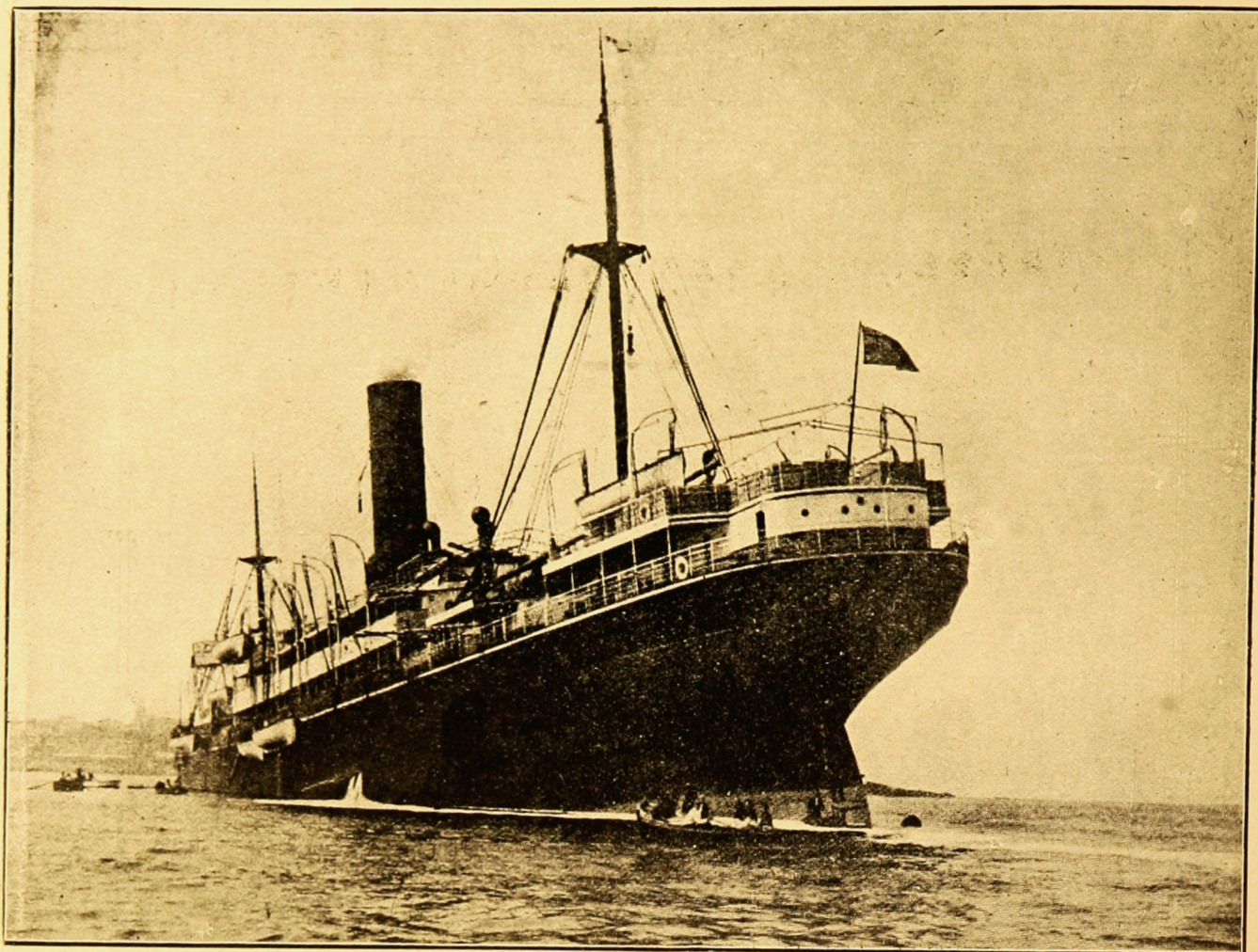


*Orando Deus
por si e pelos companheiros.
O soldado Alvaro André de Oli-
veira, de Ancede, que partiu
para França na 1.ª expedição.*



A praia do peixe na Povoá de Varzim

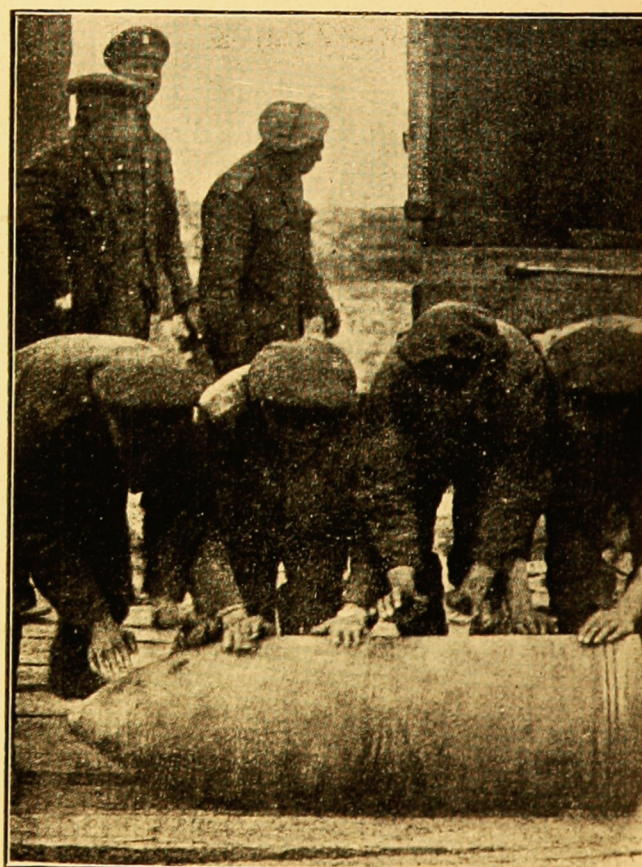
Guerra Europeia



Um transatlântico inglês torpedeado por um submarino alemão, próximo dum porto



Os primeiros socorros a um aviador alemão caído e ferido nas linhas inglesas



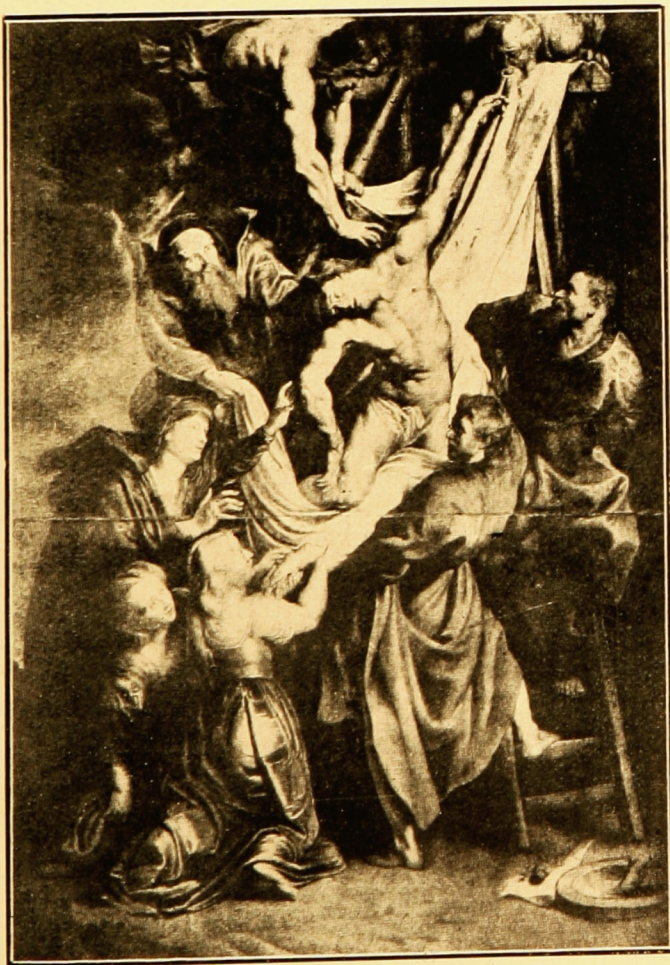
Rolando uma granada de grosso calibre

PALESTRAS DE ARTE CHRISZÁ

XXV—Critica (Disposição, unidade, etc.)

Quem aprecia um quadro precisa de attender ao modo como as figuras estão distribuidas. Seria erro collocá-las todas dum lado e deixar o outro vazio. Muitos artistas procuram dispô-las em pyramide, collocando no vertice a personagem principal. Ha scenas como a da Ascensão, Assumpção em que esta disposição é natural; nos outros casos não se pode exigir como norma. Para pôr em relevo a figura primaria adoptaram alguns, como Correggio, a linha convexa, collocando-a no meio; Raphael no Triumpho da Fé usou a linha concava; Rubens collocou no sentido das diagonaes o corpo de Christo na Deposição da Cruz. Neste ponto, diz Müntz (Hist de l'art. 3. 451). Tiriano foi o primeiro a dar ás suas figuras movimento e harmonia inimitaveis. Os seus quadros são dramaticos. Paulo Veronese é ainda mais livre.

Na disposição deve-se attender á unidade do assumpto. Unidade natural, unidade ficticia, conforme o assumpto versado. Consegue-se a primeira dando a cada uma das figuras o logar que pede a sua importancia, de tal modo que logo, á primeira vista, se conheça o personagem principal. Tem a primazia neste particular Raphael; nos seus quadros a figura principal não precisa de ser procurada, apparece por si mesma e liga admiravelmente consigo as outras personagens. Pelo contrario, como é difficil encontrar a pessoa de Christo no celebre quadro de Veronese que representa as bodas de Caná! O joven ricamente vestido que ergue a taça para uma libação pagã é o que mais avulta do conjuncto, tão grande é a multidão dos personagens, tão variados os grupos dos musicos, serventes com iguarias, tão rico o local do festim, que só a custo é que se logra entender-se que se trata do banquete de Caná e não de qualquer festival pagão. Ao contrario Leonardo de Vinci, na *Ceia do Senhor*, só fez entrar os personagens necessarios, reduziu ao minimo os ornatos, para que a attenção do observador se concentrasse na solemnidade grave da Instituição Eucharistica.



Rubens - Deposição do Senhor.

Museu real (Bruxellas)

Muito mais censuravel é o defeito de dar maior relêvo a episodios ou figuras accessorias. E' bem conhecida a anedota de Pio. IX. Quando se inaugurou o quadro da Conversão de Paulo, que ainda hoje se venera num dos altares lateraes da Basilica de S. Paulo extra-muros, exclamou: 'Adoro-te, oh Santo Cavallo!' censurando assim o artista que effectivamente fez do cavallo espantado a figura primaria do quadro.

Nos quadros em que se representa Christo ou a Virgem Santissima rodeada de Santos, a unidade é ficticia. Os artistas medievaes dispunham symetricamente os personagens, inteiramente alheios uns aos outros, isolados, olhando para o espectador. No renascimento procurou-se obviar a esse inconveniente, formando grupos chamados *Sacra Converzazioni* em que as figuras foram relacionadas com o protagonista. A *Sacra Converzazioni* de Palma *il vecchio* é modelar. Raphael na Escola de Athenas tambem deixou um exemplo esplendido da unidade ficticia.

Esta unidade não tira a variedade das attitudes dos elementos figurados que entram na composição. Precisa contudo o artista de evitar as posições forçadas, o emaranhamento dos personagens, sobretudo nos grupos numerosos, pois isso seria gravemente nocivo á clareza. E' a clareza que obriga, por exemplo nas representações das batalhas, a moderar as nuvens de pó e fumo, nas scenas nocturnas, a introduzir alguma luz, embora fraca.

AGNUS

QUADROS

III.

Ao Excellentissimo Senhor Paulo Lopes da Silva

Tão linda como a neve á luz da madrugada.
Tem o olhar claro, a face ardente, fina a mão...
Rezou agora mesmo uma oração,
De beijos constellada.

E elle, ao longe, é um heroi, uma alma crispada,
A affrontar, pela Patria, a furia do canhão;
Mas mesmo nos seus rasgos de leão
Avista a dôce amada.

E, de repente, um grito. A mulher linda rola...
—Virgem Santa! Jesus!
Está morta. Da carne o espirito se evola...

Mas tambem, n'esse instante, além, um velho obuz
Fez ao soldado a esmola
De o levar, com a noiva, a caminho da Luz!

José Agostinho,

Ao bandolim do coração

II.

ESCUÇA!

E's a perola escondida
Que annos e annos procurei:
Fez-se luz na minha vida
No dia que te encontrei.

Sem destino, amargurado,
Nada amava, em nada cria,
Quando o teu olhar maguado
No meu olhar se fundia.

A esse olhar de ternura
Despertou meu coração
Do letargo da amargura,
Da pezada escuridão.

Como bandolim fremente
Geme em noites encantadas,
Dorida, sentidamente,
Canções ternas e balladas.

Escuta os cantos singelos
Que só amor inspira, entende,
Pois estas quadras são élos
Da cadeia que nos prende.

Joavelino.

A uma Orphã

Nunca em teus olhos veja
Lagrimas marejar
Que eu não sinta por ti
Vontade de chorar!

Nunca o teu riso angelico
Aos teus labios afflore,
Que eu me não sinta triste
E o meu coração chore!

Nunca eu fite o teu rosto
Branco como a açucena
Que eu não sinta a minh'alma
Envolta em triste pena!

E não sabes porque?
E' por ver-te, orphãzinha
Vestida de côr negra
Como a negra andorinha

Ha na doce expressão
D'esse teu meigo olhar,
Um cruel soffrimento
Que tentas occultar.

(Do livro *Sombras.*)

Muito embora o teu rir
Pareça d'alegria
Vê-se bem que n'elle ha
Dôr e melancholia

Tu és qual ave implume,
Pobre, triste, sem ninho,
Que viu a luz da Vida
Sem um terno carinho.

Tu és qual flôr mimosa
Que no monte nasceu
E que sem protecção
Resequida, morreu!

D'ra ti não houve nunca
Uma canção de mãe
Um sorriso, um carinho.
Como outros filhos teem.

A vida da orphandade?
Como é triste, meu Deus,
Ter a terra por leito,
Por manto o azul dos ceus!

Paulo Lopes da Silva.

OFFICINAS

—DE—

Escultura e Pintura

—DE—

Teixeira Fanzeres

Garante-se perfeição em todos os serviços

Preços sem competencia

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

Livraria e Papelaria CRUZ & COMP.^A (Editores)

121, Rua Nova de Sousa, 133—BRAGA

Telephone n.º 29

Telegrammas:—**CRUZ LIVRARIA**—BRAGA

Casa fundada em 1888

Editora de muitos livros approvados e adoptados em todo o paiz, para o ensino primario, normal, secundario e superior e de muitos volumes religiosos, litterarios, etc. etc.

Remette-se o catalogo a quem o requisitar.

Contra riscos de guerra terrestres e maritimos, grêves, tumultos e roubos. segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
9-2.º — Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sotomaior. — Agente em Braga, Amares, Povoia de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto, 105-1.º — BRAGA

Paramentaria, Sirgaria e
Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA